

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE FILOSOFIA

Departamento de Graduação

Augusto Jorge Joaquim Vulande

Sociedade de consumo e crise de identidade: uma análise pós-moderna em Zygmunt Bauman.

Maputo

Dezembro, 2024

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE FILOSOFIA

Departamento de Graduação

Augusto Jorge Joaquim Vulande

Sociedade de consumo e crise de identidade: uma análise pós-moderna em Zygmunt Bauman.

Trabalho de Monografia Científica, do Curso de Licenciatura em Filosofia, Apresentado a Faculdade de Filosofia, da Universidade Eduardo Mondlane como exigência parcial para obtenção grau académico de Licenciatura em Filosofia.

Supervisor:

Mestre. Inocêlio Inácio Ussivane

Maputo

Dezembro, 2024

Declaração de Honra

Eu, Augusto Jorge Joaquim Vulande, portador de B.I n°110100893937S, emitido pelo arquivo de identificação Civil de Maputo ao 6 de Setembro de 2023, declaro por minha honra que, a presente monografia, nunca foi apresentada em nenhuma instituição na sua essência para obtenção de qualquer grau académico e que ela constitui o resultado da minha investigação individual, feita com fontes mencionadas na bibliografia e no método descrito no texto.

Maputo, aos 20 de dezembro de 2024

(Augusto Jorge Joaquim Vulande)

"Encontrar e assumir a própria identidade é um dos principais dramas da existência. " (SARTE, Jean Paul, 1978: 15)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai todo-poderoso, pelo Dom da vida e por permitir-me chegar a este dia, um dos mais significativos da minha vida, e por todas as coisas que tem permitido realizar, aos líderes José Humberto Eclesiastes, Camila Eclesiastes, Arsénio Pedro Siteo e Cheila Inácio Capezulo Siteo, Elias Noé Mandlate, Leonilde Mandlate e ao líder e grande amigo de todos os momentos Salimo Inácio Siteo.

Aos meus pais, Jorge Joaquim Messo Vulande e Rosa Carmona por incansavelmente cuidarem de mim e nunca terem deixado faltar o essencial para a minha educação e saúde.

Aos meus tios, em especial, Francisco Joaquim Messo Vulande, Albino Joaquim Messo Vulande e Marcelino Albino Bonjesso Botão pelo apoio moral e financeiro para dar continuidade aos estudos.

Aos amigos, em especial, Carmita e Michela Cumbe, Paulo Pascoal Massingue, Obadias Massingue, Elmiro Ernesto Matsinhe, Alberto Mário, Mauro e Luísa Mussane, Mário e Lúcia Maquete, Alberto e Alice, Vasselissa Siteo, Rufino Valdemar, Dulce Nhacasse, Amelia Mungoi, Lúcia Balate, Leonardo José Mauriha.

Em especial, Mateus Juma, por ajudar-me num momento marcado por uma crise financeira a ter uma vaga de emprego para dar continuidade a formação. Aos meus saudosos colegas de caminhada das noites quentes e frias a caminho de casa que carinhosamente tratamo-nos por *Yayos* (irmãos), a minha companheira Isaura Tovela por ser minha fiel intercessora e incentivar-me para a conclusão do trabalho.

O meu muito obrigado ao meu supervisor Inocélio Inácio Ussivane, que durante meses acompanhou-me pontualmente, dando todo auxílio para a elaboração do projecto. Aos professores do curso de Licenciatura em Filosofia que através de seus ensinamentos durante 5 anos permitiram que eu pudesse hoje concluir este trabalho, foi uma honra fazer parte desta jornada.

A todos os funcionários da CTA e todos colegas da FAF 2014 dos quais alguns tornaram-se irmãos, foi um privilégio tê-los como colegas. Muito obrigado a todos.

Resumo

A presente monografia cujo tema é *Sociedade de consumo e crise de identidade: uma análise pós-moderna em Zygmunt Bauman*. Enquadra-se no discurso socio-filosófico e tem como objectivo geral: Reflectir sobre consumo e a crise de identidade na pós-modernidade em Zygmunt Bauman. Para desenvolver o nosso objectivo geral, arrolamos os seguintes objectivos específicos i) Explicar em que contexto filosófico surge a sociedade de consumo ii) compreender o real alcance da acção dos mass media na sociedade de consumo e, iii) mostrar como na modernidade líquida vive-se a crise de identidade. O consumo exacerbado na sociedade pós-moderna gera uma crise de identidade e de propósito existencial. As pessoas assumem múltiplas identidades fluidas de acordo com seus papéis de consumo, o que corrompe relações autênticas e senso de comunidade, isso leva a uma fragmentação social e alienação pessoal alarmantes. Perante este problema, coloca-se as seguintes questões. Até que ponto o consumismo pode comprometer a estabilidade da identidade e a preservação social? Com a presente monografia pretende-se examinar esta problemática e propor caminhos para recuperar laços comunitários genuínos, relacionamentos estáveis, um sentido de significado e propósito na era do consumo. Para a efectivação da presente monografia como método, recorreu-se a pesquisa descritiva com a finalidade de colectar, ler e fazer a hermenêutica dos textos através de um estudo profundo da sociedade de consumo, partindo de uma revisão bibliográfica composta pelos principais filósofos da área suportado pela comparação de várias abordagens que versam sobre a proliferação de imagens e da formação da sociedade de consumo. Em suma, o presente trabalho examinou as concepções de Bauman sobre a sociedade pós-moderna. Constatou-se que a pós-modernidade representa uma crise e questionamento dos excessos da modernidade, não obstante também apresente problemas como consumismo e individualismo. Na pós-modernidade, verifica-se uma mudança axiológica com enfoque no culto ao corpo, aparência e bens materiais, em detrimento das qualidades humanas. Observa-se ainda o distancionamento da noção de "ser" pessoa, substituída pelo "ter", acarretando alienação nos objectos, as relações sociais se diluem pelo consumo de imagens e mercadorias, a televisão dissemina ideologias de irreflexão e a política se instrumentaliza. Problemas contemporâneos como o terrorismo demandam soluções e investimentos globais em justiça e paz. Diante do exposto, propõe-se que se recorra à uma educação crítica para resgatar a consciência e dignidade humana, superando os efeitos da pós-modernidade, reflectindo sobre o rumo dessa sociedade e seus impactos nos valores humanos.

Palavras- chave: Pós-modernidade . Consumo. Sociedade de consumo. Identidade

ABSTRACT

This monograph examines Zygmunt Bamaun's conceptions of postmodern society. It finds that postmodernity represents a crisis questioning modernity's excess, though it also presents problems like consumerism and individualism. In postmodernity, there is an axiological shift emphasizing the body cult, appearances and material goods rather than human qualities. There is also a distancing from the notion of being a person, replaced by having, leading to alienation in objects. Social relations dilute through the consumption of images and commodities. Television disseminates ideologies of unreflexion and politics becomes instrumentalized. Contemporary issues like terrorism require global solutions and investments in justice and peace. Given the above, it is proposed that critical education is necessary to rescue consciousness and human dignity, overcoming postmodernity's effects. It imperative to reflect on the direction of this society and its impacts on human values.

Keywords: Postmodernity. Consumption. Consumer society. Identity

Índice

Introdução	4
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA NO PENSAMENTO DE BAUMAN SOBRE O SURGIMENTO DA SOCIEDADE DE CONSUMO.....	8
1. A Modernidade e a crença no progresso pelo uso da razão	8
2. Crítica de Bauman à razão instrumental.	11
3. O surgimento da Modernidade líquida.	12
4. Modernidade sólida e sociedade líquida moderna: possibilidades de ruptura e continuidade.	15
CAPÍTULO II: ANÁLISE DO ALCANCE DA ACÇÃO DOS MASS MEDIA NA SOCIEDADE LÍQUIDA	19
1. Liberdade e segurança: uma sociedade paradoxal como manifestação do mundo líquido.....	19
2. Da indústria cultural à decadência da emancipação	23
3. A busca da felicidade no mundo líquido.....	26
4. Individualismo e as possibilidades de uma vida em comunidade dominadas pelos mass media	30
CAPÍTULO III: SOCIEDADE LÍQUIDA COMO MANIFESTAÇÃO DA CRISE DE IDENTIDADE	33
1. (in) existência da Ética ou crise de valores na Modernidade líquida.....	33
2. A formação da identidade como problema da modernidade líquida	38
3. Sociedade do consumo como manifestação da modernidade líquida.....	43
CONCLUSÃO	47
BIBLIOGRAFIA.....	49

Introdução

Esta monografia tem como tema: *Sociedade de consumo e crise da identidade: uma análise pós-moderna em Zygmunt Bauman*. A escolha deste tema deve-se ao facto de a sociedade pós-moderna possuir como um dos traços característicos o consumo, em que ocorrem transformações estruturais em várias esferas, desde a política, a economia, a ciência e no modo de organização e relacionamento social. Sendo o consumo a característica da pós-modernidade, o mesmo deixou de ser opção e passou a ser um *modus vivendi*, uma forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros.

Convém referir que a ciência moderna com o seu propósito de emancipar o Homem, ter usado de forma descontrolada a razão e encarcerou o Homem numa razão instrumental, que visava a todo o custo buscar a ordem através do método positivo e eliminar a ambivalência. Assim, foi em nome da ordem, do progresso e da emancipação que foram cometidos os maiores crimes da humanidade. Além disso, a tomada da consciência dos malefícios do projecto moderno, instaurou uma consciência de vazio de fundamentos, pois na modernidade tudo era fundamentado na base da razão, mas com a razão em crise abre-se espaço para a incerteza e ambivalência.

Porém, a falta de fundamento, o vazio do sentido gera no indivíduo um mal-estar generalizado, pois nem Deus, nem a ciência é que estabelecem a ordem moral. Cabendo assim, a cada um moldar seus valores e criar pontos de referência, mas que também não devem ser sublimados e eternizados. Deste modo, a crise da razão causa ausência de sentido, vazio de existência e mal-estar generalizado de não possuir poder sobre si e sobre a natureza. O Homem tende a refugiar-se no consumo, o que por um lado gera uma crise da identidade, porque os bens de consumo são produzidos e publicitados como receitas perfeitas e acabadas para a satisfação das necessidades do indivíduo. Mas que, sabe-se a priori que esta é uma estratégia da sociedade de consumo, fazer com que os bens fiquem rapidamente obsoletos.

Entretanto, por outro lado a identidade construída através de bens de consumo gera uma sociedade em que as relações são líquidas, mercadoria, em que ter é a condição para ser. Sendo assim, observa-se a fragilização dos laços humanos, a fragmentação social e o aparecimento

exponencial do individualismo. Não há consumo de objectos reais, mas sim de imagens propagadas pelos meios de comunicação de massa, por isso pode-se afirmar que o princípio de organização da sociedade e de formação de consciência é determinado pelos meios de comunicação de massa.

É nesta sociedade de consumo em que o sujeito é caracterizado pelo individualismo, homens assim como mulheres sentem-se totalmente despreparados para construir relações, e o resultado disso se fundamenta numa falta de compromisso real. Por conta disso, o tema pretende levantar as seguintes questões: Em que contexto filosófico surge a sociedade de consumo? Em que medida o consumismo provoca a instabilidade da identidade e a degradação social? Qual é o alcance da acção dos mass media na sociedade líquida?

Se o consumo extravasou o limite das necessidades básicas biológicas e envolveu actualmente o âmbito cultural, sendo que não se trata apenas de consumir por consumir, o consumo criou valores culturais na sociedade. Então a obsolescência é a regra do sistema que foi criado e isso significa que os produtos não podem ser feitos para durar e sim para serem trocados o mais rápido possível, mesmo que estejam em perfeito estado de conservação e funcionamento. A noção das coisas feitas por meio da publicidade transforma as pessoas massa passiva que consome inconsequentemente seguindo a lógica do mercado, da sociedade de consumo.

Por exemplo: os meios de comunicação de massa, como a TV, rádio, jornais e portais da internet, são propriedades de algumas empresas, que possuem interesse em obter lucros e manter o sistema económico vigente que lhes permitem continuarem a lucrar. Portanto, nota-se que o consumo o que tende à desestabilização da sociedade bem como impede que as pessoas tomem consciência de suas condições de desigualdade, isto porque as relações de consumo desenvolvem-se num quadro de desequilíbrio.

Desta forma, a escolha do tema deveu-se ao facto da sociedade pós-moderna ser caracterizada por transformações estruturais, sendo este como o eixo da manifestação do capitalismo e que propicia o crescimento económico dos grupos de monopólio que dominam o mercado, deixando a maioria ainda mais em condições de vida desfavorável. A sociedade de consumo promove ainda, a fragilização das relações humanas, uma vez que as pessoas são valorizadas pelo que

aparentam e não pelo que são, é valorizada a superficialidade, e isso faz com que as pessoas busquem um consumo sistemático de bens e serviços de modo a evitarem rejeição social.

O trabalho tem como objectivo geral: Reflectir sobre a da velocidade das relações humanas na modernidade líquida enquanto consequência do consumismo que gera a crise de identidade. Especificamente i) Explicar em que contexto filosófico surge a sociedade de consumo? ii) analisar o real alcance da acção dos mass media na sociedade líquida e, iii) mostrar como na modernidade líquida vive-se a crise de identidade.

É pertinente afirmar que Bauman, na obra “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, defende que na sociedade informacional as relações pessoais liquidificaram-se, porque os valores são infundados, domina a lógica do mercado, e assiste-se ao desenvolvimento desenfreado das tecnologias de informação e comunicação. Por isso nem se pode mais falar de relações porque as conexões é que predominam, dado que em uma conexão a vantagem não está só em ter várias conexões, mas, principalmente em conseguir desconectar-se sem grandes perdas ou custos. A vida humana é frágil e acompanhada por um profundo mal-estar, porque o sujeito líquido lida com um mundo de consumo e múltiplas opções.

Além disso, salienta ainda na obra “Tempos líquidos” que a na modernidade líquida constroem-se sociedades em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. Assim, o tempo torna-se num elemento de poder, já não é o espaço fisicamente demarcado que determina as relações de poder, mas sim a capacidade de percorrer de forma rápida vários espaços, recolhendo, detendo e vendendo informações.

Na perspectiva de Bauman (1997: 216), a imagem mais visível do mundo depois da segunda metade do século XX é a do vazio, em que a consciência se apresenta como falsa consciência, reina o individualismo, o capitalismo selvagem, do salve-se quem puder em que há o uso do outro sujeito tendo em vista o lucro. E uma época de todo volátil, de acções e reacções imediatas, em que uma acção individual pode influenciar todo o mundo, por isso “apetece dizer que, em vez da aldeia global, estamos perante uma pilhagem global”.

E uma vez que, uma das peculiaridades da modernidade líquida é o abandono da ideia do progresso baseada na certeza da ciência e na técnica, porque esta trouxe o holocausto no mundo,

o sujeito tende a distanciar-se da certeza, perdendo desse modo referências de acção, e coloca em si a responsabilidade de construir ou escolher normas a seguir, tudo passa como se fosse uma questão de escolher a melhor opção, com melhores vantagens e, de preferência, nenhuma desvantagem.

O trabalho obedece a pesquisa descritiva com a finalidade de colectar, ler e fazer a hermenêutica dos textos através de um estudo profundo da sociedade de consumo, partindo de uma revisão bibliográfica composta pelos principais filósofos da área, suportada pela comparação de várias abordagens que falam ainda que de forma implícita da proliferação de imagens e da formação da sociedade de consumo como características da sociedade pós-moderna.

O trabalho está estruturado sob forma de capítulos: o primeiro intitula-se a Contextualização filosófica no pensamento de Bauman sobre o surgimento da sociedade de consumo, em que o autor enuncia a passagem do discurso moderno ao pós-moderno, ou seja, fala-se da ruptura da era moderna no seu contexto histórico para melhor se compreender o contexto histórico actual. No segundo capítulo faz-se análise do real alcance da acção dos mass media na sociedade líquida, neste mostra-se como os meios de comunicação de massa influenciam na formação de uma sociedade baseada nas redes, mas também se mostra o paradoxo que existe entre a liberdade e segurança na acção humana em busca da felicidade. No terceiro e último capítulo explica-se de que maneira a modernidade líquida é a crise de identidade, no mesmo discute-se o problema da crise de identidade enquanto consequência da crise da modernidade, pois com a crise da modernidade ocorreu concomitantemente a crise da razão e do conhecimento fundamentando, mas também se mostra como sai-se da sociedade de produção para a sociedade de consumo, assim apresenta-se como o consumismo perpetua o desenraizamento.

CAPÍTULO I: CONTEXTO DO SURGIMENTO DO DEBATE SOBRE A SOCIEDADE DE CONSUMO

1. Modernidade e a crença no progresso pelo uso da razão

Inicialmente ao abordar sobre a sociedade líquida é pertinente debruçar da modernidade enquanto progresso. Importa referir que, o conceito “moderno” já existia na época medieval e, era usado no século V para distinguir o cristão, do pagão antigo ou passado.

Contudo, filosoficamente tomou a designação com o aparecimento do iluminismo e passou a significar ruptura abrupta com a sociedade medieval, pois marcava a superação do antigo regime repleto de trevas, para a ascensão da civilização baseada na razão.

Assim sendo, Descartes (2001:5), no contexto científico e filosófico, aparece a romper com a ideia da justificação dos fenómenos partindo e tendo como referência a autoridade da fé. Preocupou-se em elaborar um método para melhor conhecer e direccionar o espírito, de modo a evitar a precipitação e cair em equívocos.

Descartes propôs um método rigoroso para conhecer, facto que não existia nas épocas antecedentes, propôs também o uso livre e responsável da razão, aliás com a expressão *cogito, ergo sum* coloca a razão como fundamento da existência e do conhecimento.

Na perspectiva de David Lyon (1998:5), Descartes esclarece que não existe no Universo algo mais bem distribuído que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem-dotado dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem. Dada esta constatação de que é insuficiente ter o espírito totalmente bom, Descartes afirma (1989:11) que “*as maiores almas são capazes dos maiores vícios, como também das maiores virtudes, e os que só andam muito devagar podem avançar bem mais, se continuarem sempre pelo caminho recto, do que aqueles que correm e dele se afastam.*”

Descartes, é considerado fundador da filosofia moderna, dado que este inaugurou o racionalismo da ciência da moderna, a partir do momento que instaura um método que lhe permite clarificar os conteúdos que ele considera obscuros e nada práticos. Por isso o seu pensamento é revolucionário, dado que inaugurou uma nova era onde verifica-se a tradição de produção de

conhecimento, diferente do que se observava na sociedade feudalista onde eram influenciados pelas igrejas que ainda eram muito fortes, daí que não existia uma tradição de produção de conhecimento científico.

A partir do pensamento supra citado, Zilles (2004:72) defende que Descartes apenas usa Deus como força-mente criadora das máquinas, de tal maneira que, uma vez criadas essas máquinas, funcionem segundo suas próprias leis, e Deus não tenha relação com elas, mas não só Descartes demonstrava a crença na razão e no método, também Francis Bacon na sua obra *Novum Organum* demonstra um optimismo científico, afirmando que: “*a verdadeira e legítima meta das ciências é a de dotar a vida humana de novos inventos e recursos*” (BACON; 2004:72).

É por isso que o conhecimento para Bacon é poder, porque só quando se investigam as causas ou as leis que regulam um dado fenómeno natural é que se pode entender e antecipar diante dele. Mas também podem ser encontrados os contributos de Galileu Galileu, Isaac Newton, Johannes Kepler e Nicolau Copérnico, que fazem suas investigações recorrendo ao método positivo.

Na perspectiva de Lyon (1998:72), ainda neste debate, afirma-se que embora as raízes da modernidade se estendam até épocas bem anteriores ao iluminismo, o mundo moderno está marcado por seu dinamismo sem precedentes, pela rejeição e marginalização da tradição, como também por suas consequências globais. Dado que o projecto moderno se propunha à universalização do mundo através da razão, por isso o ponto central da visão de futuro da modernidade se relaciona fortemente com a crença no progresso e com o poder da razão humana de produzir ordem e liberdade. Assim, na modernidade o uso livre e público da razão permitiu o aparecimento do sujeito como um ser activo e dono do seu próprio destino, na medida em que o Homem não mais se apoiava e deixava guiar pelas verdades da fé, mas sim pela própria consciência.

A modernidade foi construída na base de três princípios ou objectivos fundamentais, nomeadamente: libertar o Homem das crenças religiosas através do uso da razão, emancipar o Homem da natureza através da ciência e da técnica e emancipar o Homem dos poderes mais fortes, e nas três perspectivas o que está no centro é o Homem. A modernidade pretendia um Estado estruturalmente organizado e gerido por normas racionais ou humanas e não divinas, pretendia através da ciência e da técnica curar doenças e precaver-se dos desastres naturais

através da invenção de instrumentos ou como afirma Bacon através da invenção e introdução de novas naturezas porque só se domina a natureza quando se lhe obedece.

Deste modo, Kant (2005, p. 63) afirmara que a modernidade tinha como propósito a emancipação do Homem através da razão. Kant tinha uma crença profunda em relação ao Iluminismo, e o definia como a saída do Homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer o uso do seu próprio entendimento sem ordem ou auxílio de outrem, e a culpabilidade da menoridade não consiste na falta de razão, mas sim na acomodação e falta de coragem de usar razão em benefício próprio, pois o exercício da liberdade enquanto condição transcendental do agir moral tem como implicação a responsabilidade. Por isso o lema ao iluminismo é *ouse saber*, que consiste em ter coragem de se servir da razão, de modo a sair da heteronomia e a ser um indivíduo autônomo, ser autônomo diante de si e dos outros. Contudo, Kant já alertava que a menoridade ou heteronomia é cômoda, por isso é difícil o Homem se afastar dela.

A modernidade para Touraine (1992: 214) pretendia também superar o antigo medieval pelo novo, visto que na época medieval, peso embora tenham surgido as primeiras universidades nos séculos XI e XII tais como: Bolonha, Paris, Oxford, Pádua, Praga e Montpellier, não havia espaço para a especulação, para o uso livre e público da razão. Tudo aquilo que não fosse sagrado era considerado profano, heresia ou insulto à santa igreja. Por isso, para os modernos críticos, a época medieval é vista como período de trevas, de escuridão ou ignorância em que a razão e a filosofia estiveram estagnadas. Deste modo, a afirmação da época moderna implicava um arranque violento do chão da tradição.

2. Crítica de Bauman à razão instrumental

A modernidade com o seu projeto de libertar o Homem dos excessos da igreja cometidos na época medieval, que na visão de Adorno e Horkheimer (1985, p. 7) se propôs através do uso da razão, do método positivo e com crença na superação e no progresso emancipar o Homem, porém acabou excluindo e marginalizando tudo o que não se ajustava ao método positivo, cometendo também excessos, dado que se saiu do dogmatismo religioso para o dogmatismo científico.

E não só, através da racionalidade instrumental ocorreu o processo de desumanização, na medida em que a ciência e a técnica foram usadas de forma inconsequente, através de experiências biológicas em seres humanos. Também foi em nome da civilização que vários povos foram subjugados, estigmatizados e até eliminados, mas também o uso excessivo das máquinas gerou solidão, desemprego e miséria. Portanto, a razão instrumental ao invés de gerar o progresso integral, ou seja, material, intelectual e moral, apenas se centrou no material. Por isso a modernidade entrou em crise.

Assim, a razão instrumental que teve como base o esclarecimento sofreu críticas acerbadas porque o esclarecimento enquanto um movimento pragmático e progressista regrediu na medida em que, na tentativa de superar as trevas da ignorância e os preconceitos, acabou se tornando num mito, numa ideologia alienante. Pois o seu programa era desilusão do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. Por essa razão, a modernidade criou as condições da sua própria crise.

Assim, Bauman (1999a: 281) faz esta constatação, visto que com o uso da razão instrumental na modernidade não houve um antropocentrismo, mas sim um logocentrismo, porque a razão se enjaulou, e o Homem esqueceu-se da sua condição humana, de tal modo que mesmo a invenção do computador eletrônico digital em si surgiu principalmente para realizar cálculos balísticos e as análises resultaram na bomba atômica cujos efeitos negativos ainda se fazem sentir. É por essa razão que a técnica apareceu como causa de um processo geral de desumanização, pois causou a escuridão das ideias humanistas da cultura, a favor de uma formação do Homem centrado na ciência e na habilidade produtiva racionalmente dirigida. Assim perdeu-se a subjetividade humana ao longo do desenvolvimento da objectividade científica e tecnológica.

Assim sendo, Bauman (1999a: 136) afirma que o medo, a insegurança, desemprego e relações desumanas são consequência corrosiva da irracionalidade moderna, visto que o projeto moderno através da racionalidade instrumental mostrou uma irracionalidade, contradição, irresponsabilidade e mau uso da própria razão e da liberdade, que eram seus próprios fundamentos. Por isso, Anderson (1999: 51), pelo facto de a modernidade não reunir as condições da sua própria compreensão, não ter cumprido com seus propósitos e por recorrer ao finalismo religioso sempre que não encontrar justificações científicas, salienta que o Homem nunca foi moderno, pois jamais houve modernidade.

Na visão de Schopenhauer citado por Touraine (1992: 131), numa posição mais extremista, afirma-se que a razão instrumental que formou a sociedade industrial sempre foi movida por um capitalismo selvagem, em que o mundo esteticamente torna-se em uma taberna de bêbados, intelectualmente um asilo de alienados e moralmente um covil de salteadores, porque para este sempre dominou uma razão instrumental acompanhada por egoísmo possessivo.

A partir do que foi expresso acima, Kant (1986: 14) concorda com Rousseau, preferindo o estado dos selvagens ao estado actual de civilidade, caso a humanidade não progrida moralmente. Para Kant o progresso moral é importante para o Homem porque para preservar a si mesmo é necessário preservar o todo, porque a acção humana não é vazia de sentido, ou seja, o indivíduo pertence a uma espécie a qual deve buscar consensos com ela, com vista a alcançar o bem-estar material, intelectual e moral. E não só, o acto de buscar entendimento onde há opiniões diversificadas, já demonstra um amadurecimento, um crescimento responsável da razão.

3. Modernidade como entrada para sociedade de consumo

A pós-modernidade tal como a modernidade, esta não surge do centro, ou seja, não surge nem dos Estados Unidos e nem na Europa, mas sim da periferia, no mundo hispânico, concretamente na América Latina, através de manifestações culturais, artísticas e sobretudo na literatura.

A pós-modernidade surge nos anos 70 concretamente em 1979 no livro a condição pós-moderna de Jean Francois Lyotard para evidenciar que a sociedade vive uma nova dinâmica, mostrando que se vive uma nova era tecnológica, onde vigoram as ciências da informação e computação, dando exemplo da invenção dos computadores e do telefone em 1930.

A pós-modernidade para Lyotard é a incredulidade em relação as metanarrativas modernas e o resgate das micronarrativas, ou saberes outrora marginalizados. Lyotard (1986: 14), avança que quando fala de pós-modernidade ou condição pós-moderna não quer anunciar a entrada de uma nova época mas quer evidenciar, reflectir e provar a viragem paradigmática relativamente ao discurso. Uma vez que a dinâmica social e técnico-científica está a conhecer novos contornos ou desdobramentos. Por tanto, pós-modernidade não enquanto época mas enquanto consciência e discurso.

A sociedade pós-moderna possui como um dos traços característicos o consumo, diversos estudos levados a cabo por autores das ciências sociais convergem na ideia segundo de que a

passagem do século XX para o século XXI ocorrem transformações estruturais em várias esferas, desde a política, a economia, a ciência e no modo de organização e relacionamento social.

Na política por exemplo, se verificou a superação dos discursos universalistas do nacionalismo e do engajamento recíproco e este é apenas invocado sempre em tempos de crise como uma medida defensiva. Na economia é verificada uma mobilização mundial de recursos e transacções comerciais. Na ciência ocorreram as viradas paradigmáticas em que foi reinaugurado o debate sobre a demarcação do científico do pseudo-científico, a ideia do pluralismo metodológico e a negação da experimentação como único e exclusivo critério de cientificidade.

Para Vatimo (1994: 7) o termo pós-moderno tem um sentido, e este está ligado ao facto da sociedade actual ser uma sociedade de comunicação generalizada, ou seja, a sociedade dos mass media. É com a pós-modernidade que se deu o fim dos imperialismos e nacionalismos.

A pós-modernidade aparece como emergência da sociedade transparente e surge como forma de contestar a modernidade, ela privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural, desconfia de todos os discursos universais e totalizantes.

Vatimo, toma como exemplos para sustentar a sua tese o contributo epistemológico de Feyerabend, Kuhn, Foucault, Lyotard que promoveram a rejeição das metanarrativas.

A pós-modernidade designa o Estado da cultura após as transformações que afectaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX. Dava a impressão crescente de uma poderosa configuração de novos sentimentos e pensamentos.

Ele parecia o caminho de desempenhar um papel crucial na definição da trajectória do desenvolvimento social e político. A pós-modernidade aparece como reacção ao modernismo ou de afastamento dele, isto pelo facto de determinar os novos padrões de debate, definir o modo do discurso e estabelecer parâmetros para a crítica cultural, política e intelectual.

No âmbito social ocorreu o arrefecimento da vida comunitária no sentido da partilha de valores comuns, em nome da autonomia e liberdade individuais, mas também para dar oportunidade a experiência narcisista do consumo que passou a ser o imperativo da personificação do sujeito na pós-modernidade.

Existem nas ciências humanas diversas denominações para caracterizar a nova ordenação social, fazendo uma análise histórica em torno das sociedades capitalistas do século XXI, é possível notar que a revolução foi o evento que inaugurou uma esfera de ruptura face ao sistema ideológico pré-estabelecido, abrindo espaço para a instabilidade e pluralidade sem precedentes.

É nessa perspectiva que Bauman (2007: 7), classifica a pós-modernidade como período líquido da modernidade, porque é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.

Num mundo em constantes transformações a maior parte dos projectos são de curto prazo, com objectivo de satisfazer necessidades imediatas. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecerem seu curso por muito tempo.

Desde a revolução francesa as mudanças no mundo têm ocorrido numa velocidade nunca antes vista, no que diz respeito ao nascimento, transformação e desaparecimento de grupos e formas de relações sociais, assim como a emergência, mutações e concretizações de práticas e projectos institucionais.

Embora, Lipovetsky descreva o consumo em diferentes fases concorda com Baudrillard que o Homem procura e é oferecido pelo mercado receitas acabadas de satisfação imediata dos seus desejos com o objectivo de alcançar a felicidade momentânea. É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo.

Nesse contexto, guias e métodos para viver melhor fervilham, a televisão e os jornais insinuam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade, os gurus que prometem o desenvolvimento multiplicam-se. “Alimentar-se, seduzir, relaxar, fazer amor, comunicar-se com os filhos [...] quais esferas ainda escapam as receitas da felicidade? Passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do treinamento generalizado e da felicidade “modo de usar para todos” (LIPOVETSKY, 2007: 336).

A vontade de alcançar a felicidade é que é perene e procura-la é a única coisa que mantém viva a esperança de ser feliz. Para Lipovetsky se antes vendiam-se objectos consumíveis reais, hoje

vendem-se imagens, modos de ser, mascaras prontas a serem usadas no dia-a-dia. O sofrimento quotidiano leva o indivíduo a buscar o consumo sistemático até das identidades fast-food.

Deste modo impera o “Sofro, logo compro”, quanto mais solitário estiver, mais atenuante o Homem irá comprar para satisfazer esse vazio. Portanto, o acto de comprar é uma terapia, uma forma de fugir das imposições e das decepções quotidianas.

1. Modernidade sólida e sociedade líquida moderna: possibilidades de ruptura e continuidade

Antes de falar da modernidade sólida e da pós-modernidade, importa referir que, segundo Gianni Vattimo (1987: 8), existem dois pensadores que fornecem uma visão clara da modernidade e tais filósofos são Nietzsche e Heidegger. Estes definem a modernidade como uma história de pensamento caracterizada pela iluminação progressiva em que a razão atinge o seu auge, onde também está no centro a ideia de superação e abandono do antigo com vista a instaurar o novo. Estes não só trazem a visão do projecto moderno como também lançam bases para a formação da consciência pós-moderna. Visto que, criticam a modernidade mas não colocam o seu pensamento ou suas ideias como verdades absolutas, como era típico no discurso moderno.

Zygmunt Bauman ao falar da modernidade sólida quer evidenciar, o núcleo duro, a unidade, a organização e a ideia do determinismo científico que a modernidade construiu sobre si. Por isso, para Bauman (2007: 64) a modernidade sólida é a crença na transformação do mundo através da ciência e da racionalidade, e de facto neste período foram verificados avanços em diversas esferas do saber, mas principalmente nos campos da Física, Química e Biologia

Para Baudrillard (1995:19) a pós-modernidade é caracterizada pelo consumo, visto que o consumo se tornou cultura, ou seja, o consumo deixou de ser opção e passou a ser um *modus vivendi*, uma forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros.

Na sociedade de consumo os bens metafísicos como o amor, a amizade, o conhecimento, perderam o seu valor existencial e ganharam o valor comercial. Na sua óptica já não há o consumo de objectos reais, mas sim de imagens propagadas pelos meios de comunicação de massa, por isso pode-se afirmar que o princípio de organização da sociedade e de formação de consciência é determinada pelos meios de comunicação de massa.

Para Lipovetsky (2007: 246) o que melhor caracteriza a condição pós-moderna é o consumo, onde o sujeito é caracterizado pelo individualismo, tanto que os homens e mulheres sentem-se totalmente despreparados para construir relações e abandonados aos próprios sentidos, não sabem o que fazer da liberdade, o resultado disso é que as “relações” nos tempos líquidos se fundamentam numa falta de compromisso real.

E esse vazio do sentido, sentimento e de ideias só gera mais pessimismo, infelicidade, depressão e indiferença. Dai que o mesmo defende que esta é uma das fortes causas e do crescente índice de suicídios nos últimos tempos.

Pós-modernidade e pós-modernismo são conceitos distintos, porém intrinsecamente ligados de tal maneira que separá-los pode ser incoerente, porque enquanto pós-modernidade evidencia mais lado político, ideológico, cultural e estético. O pós-modernismo evidencia mais a arquitectura e o urbanismo.

Portanto, o conceito pós-modernidade é invocado para descrever e explicar os desenvolvimentos ou mudanças, ocorridos em determinadas áreas como a arte, literatura, cinema, arquitectura, música, comunicações, moda, mas também à experimentação de novos cenários ou modos de vida de identidade e sexualidade.

Entretanto, a tal condição decidiu-se chamar de pós-moderna porque “designa o Estado da cultura após as transformações que afectaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX” (LYOTARD, 1988: 15), onde por exemplo o conhecimento passa a ser entendido como quantidade de informação recebida e capacidade de se impor no mercado uma vez que é um produto de venda.

Portanto, o conhecimento não é buscado tendo em vista o seu valor intrínseco, mas é legitimado pela performatividade e se torna cada vez mais mercantilizado. Assim sendo, na sociedade informacional os meios de controlo e de repressão perdem o seu poder, porque o conhecimento está em forma de informação, que é de fácil manuseio, e o detentor da mesma pode expandí-la para qualquer parte do mundo em milésimos de segundos. Contudo, este facto evidencia a incapacidade do homem contemporâneo de ter domínio sobre as coisas, por isso para Bauman esta época é caracterizada pela liquidez.

Falar da condição pós-moderna implica discutir as mudanças estruturantes de carácter político, social, cultural e económico. Na economia verificou-se o surgimento de um mercado global e de empresas globais, que consequentemente, causaram crise de empresas nacionais sem capacidade de competir no mercado, devido a forte disponibilização da oferta e a centralização de serviços e ao seu elevado número de trabalhadores. Isto significa que na política observa-se o surgimento das massas e de movimentos sociais mais particularistas baseados em região, raça e sexo. Na cultura e ideologia há a provocação do pensamento individualista, promoção da cultura de livre iniciativa, fragmentação e pluralismo de valores e modos de vida.

Bauman ao “período” denominado moderno denomina modernidade sólida e ao “período” ou discurso pós-moderno denomina modernidade líquida. Aliás, Modernidade sólida e modernidade líquida são termos que adoptou nas suas obras a partir de 2000. Porque nota que há uma preocupação ou interesse da defesa dos direitos humanos universais, das liberdades individuais, sendo que estas são ideias cujo escopo fundamental encontra-se na modernidade.

Ao invés de pós-modernidade, porque nota que não há uma ruptura abrupta, mas sim um prolongamento, uma intensificação do propósito moderno, mas já sem ilusão. Salientando que na modernidade sólida a sociedade fazia uma planificação de actividades a longo prazo, isto porque as mais variadas relações eram seguras, assim:

A passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais [...] não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as acções humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projecto de vida” individual (BAUMAN, 2008: 7).

O tempo é o elemento mais precioso deste período, porque a dinâmica do mundo funciona a um ritmo desenfreado em que não há tempo para formação de hábitos, costumes, padrões de comportamento ou de organização social, dado que as transformações são constantes.

Deste modo a “Modernidade Líquida” é aquela que é marcada pela consciência de fracasso do projecto moderno é um despertar de uma ilusão, porque já não se pode fazer previsões típicas do determinismo do tipo causa/efeito, isto é, os meta sistemas ou as meta narrativas (o Iluminismo, Marxismo e o Idealismo) já não mais traduzem aquilo que são as ansiedades, necessidades e aspirações do Homem que é um ser que está sempre à busca de respostas, onde ao invés de emancipá-lo através da ciência e da técnica, colocam-no numa situação de indiferença e de pobreza extrema. As tecnologias transformaram radicalmente as relações sociais, afectivas e de trabalho, é por essa razão que acultura pós-moderna é uma cultura de indiferença.

É nesse sentido que pós-modernidade é, para mim, modernidade sem ilusões. Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência (BAUMAN apud PALLARES-BURKE, 2003: 2).

Por conseguinte, a constatação acima provoca a perda de confiança na razão, pois a razão excessiva mostrou-se calamitosa para o próprio Homem. Contudo, o Homem ainda está na modernidade e as evidências são as seguintes: ainda vive na sociedade industrial. Portanto, ela ainda existe apenas tomou outros desdobramentos, há uma ligeira mudança na estrutura, pois, é denominada sociedade informacional.

Além disso, o seu foco não é mais a produção qualitativa, mas sim quantitativa de modo a satisfazer as demandas do mercado de consumidores e o núcleo capitalista ainda continua o mesmo, isto é, ainda se segue a lógica capitalista. Porém, um capitalismo exacerbado e essa mesma lógica capitalista que precipitou a abertura de mercados que é a causa da globalização negativa, pois, suga a energia do Estado, colocando o mesmo ao serviço dos interesses da elite global, provocando um anarquismo extraterritorial, ou seja, uma desordem mundial.

CAPÍTULO II: ANÁLISE DO ALCANCE DA ACÇÃO DOS MASS MEDIA NA SOCIEDADE LÍQUIDA

1. Liberdade e segurança: uma sociedade paradoxal como manifestação do mundo líquido

No mundo líquido na visão de Bauman (2007: 51), verifica-se um processo dominado pela dissolução dos sólidos e entrada em cena dos líquidos, é um universo dominado pela ambivalência, de equilíbrio de opostos, a vida no universo pós-moderno é uma arte da contradição e qualquer tentativa de eliminar os paradoxos ou ambivalências cairá numa interpretação reducionista e será incapaz de ler o essencial.

É por essa razão que do mesmo modo em que se experimenta liberdade e autonomia, são vivenciadas também situações de melancolia, depressão e solidão e parte desses sintomas ganha espaço devido a futilidade com que são tomadas as relações sociais e afectivas, pois a rapidez, a flexibilidade com que as pessoas se relacionam não permitem que haja espaço para amadurecimento dos laços, assim as pessoas se relacionam superficialmente.

Dai que, Bauman começa sua reflexão retomado uma antiga pergunta formulada por Sigmund Freud— o que querem os seres humanos? Os seres humanos querem ser felizes, Freud constata que nada foi feito para a felicidade do ser humano na medida em que e o ser humano sofre por três razões, nomeadamente: a natureza que é mais poderosa do que ele, a decadência do corpo e o convívio com o seu semelhante ou pelo facto de ter que viver e dividir o mesmo espaço com os outros.

Bauman por sua vez questiona o que é que o Homem pós-moderno aceita perder e o que almeja ganhar em nome da felicidade?

Mas independentemente da resposta, nota que o mal-estar sempre existiu, o mal-estar faz parte da civilização, é estrutural e não conjectural porque desde sempre fez parte das civilizações, por isso Bauman é céptico quanto ao fim do mal-estar, pois não vislumbra a ideia de que um dia a Humanidade atingirá uma forma perfeita de governo e de vida em que não exista o mal-estar.

O mal-estar moderno para Bauman e mesmo para Freud aparece *“porque os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de liberdade por um quinhão de*

felicidade” (BAUMAN; 1998: 10), ou seja, o homem deixou de ser livre para viver em segurança, aliás esta é a fundamentação da existência do Estado para os contratualistas, sobre tudo Hobbes, de modo que sua liberdade era delegada a um soberano ou a uma assembleia que assegurasse a harmonia o bem-estar e a justiça, mas com o tempo e com as transformações ocorridas, o Homem observou que as instituições delegadas para assegurar esse interesse foram entrando sistematicamente em crise e perdendo o total domínio da situação, do mesmo modo que o fez na época anterior ao delegar a sua liberdade ao Estado para lhe garantir a segurança, desta vez em nome também da sua integridade, da vida e da segurança reivindica e tenta rebuscar a todo o custo a sua liberdade individual.

O homem na modernidade sólida tinha sua liberdade limitada pelos demais vivia num autêntico panóptico onde todos os movimentos já tinham sido previamente determinados, deste modo a rotina de todas actividades estava também assegurada, mas com o fim do panóptico deu-se também o fim do engajamento mútuo.

Portanto, vive-se actualmente o período pós-panóptico, pós-tradicional, pós-industrial e pós-nacional e sente-se que o asseguramento da rotina pode limitar as escolhas a livre iniciativa, mas vivia-se num clima de “segurança”, por isso pequenos grupos são hoje criados como resultado da reivindicação do material recalcado no inconsciente colectivo.

Deste modo Bauman (2001: 15) afirma que, quer Diderot, Sennet e Giddens defendem vigorosamente a manutenção da vida rotinada porque uma vida movida por instintos e acções espontâneas não tem sentido. E perdendo a segurança que actualmente nenhuma instituição pode garantir o Homem acaba vivendo no medo.

O medo uma vez instalado ganha um ímpeto tal como um vírus não controlado e nem tratado, pois cresce e se espalha rapidamente. A questão já não está no próprio medo, mas nas consequências que esse medo pode provocar em suas vidas. Por isso, o Homem acaba agindo na base do medo, procurando sistematicamente mecanismos de defesa, vivendo atrás de grandes muros cercados de uma segurança de alta tecnologia, usando carros blindados, criando até leis que possibilitam a civis, portarem armas de fogo, a procura de aulas de artes marciais como forma de manter a integridade individual.

Portanto, nos tempos líquidos os indivíduos com o intuito de protecção ou de sentirem em segurança se tornam prisioneiros de si próprios, em suas próprias casas. Os indivíduos ficam cada vez mais violentos quando começam a sentir uma injustiça generalizada quando não mais confiam no poder da justiça e do Estado, agem por conta própria.

Entretanto, estas actividades reafirmam e ajudam a produzir um senso de desordem que o mesmo Homem busca evitar, ou seja, na tentativa de evitar os mais variados perigos, acaba-se fomentando mais ainda. Assume-se portanto, uma acção defensiva que só gera mais pânico, o que confere proximidade ao medo, e é na base do mesmo que publicitários formulam as suas publicidades ou fazem seu marketing. Bauman alerta que há quem ganha sempre com o medo, porque para fabricar armas é necessário fabricar também inimigos, e porque é que o maior esforço e investimento das grandes potências mundiais centra-se no debate sobre a segurança e não sobre a justiça?

Mas tal como afirma o filósofo francês defensor do existencialismo ateu, Jean-Paul Sartre citado por Bauman (1998: 209) o Homem está condenado a ser livre, a liberdade é a única condição de autodeterminação do Homem, condenado, porque não criou a si próprio e no entanto livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo quanto fizer e quer a liberdade pela liberdade através de cada circunstância em particular, ao querer a liberdade, descobre que ela depende inteiramente da liberdade dos outros e que a liberdade dos outros depende da dele.

Nos tempos líquidos, reinam os seguintes medos: o medo dos desastres naturais, medo do terrorismo, da violência, da perda do emprego, da perda do amor do parceiro, o medo da exclusão e principalmente o medo de sentir medo.

Desse modo, quer o Estado, quer o agente privado agem obedecendo as leis do mercado, desvalorizando o Homem e criando um mundo cada vez mais inseguro, pois visam o lucro, a satisfação e o enriquecimento injusto e individual.

Na perspectiva de Bauman (2007: 10), O problema da liberdade foi deveras invocado na época moderna, na medida em que, pelo uso da razão o Homem pretendia libertar-se das crenças, mitos e dos riscos que a natureza contém. Este assunto (liberdade) nos tempos líquidos já constitui um verdadeiro dilema, pois os indivíduos estão expostos a livre escolha.

Contudo, às vezes como as actividades são tão fluidas nem sequer se tem o tempo de conhecer as consequências ou avaliar os riscos e de forma sucessiva são obrigados a escolher “a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos - dos quais se espera que sejam livres a escolher e suportem plenamente as consequências de suas escolhas”

Entretanto, verifica-se uma deterioração no carácter dos indivíduos na sociedade, uma vez que estes estão colocados a sua sorte no mercado livre, caracterizado pela concorrência, promovendo assim uma divisão, em que as participações ou a pertença a um grupo dura enquanto houver benefício ou lucro.

Num mundo em que todos os meios de vida são permitidos, mas nenhum é seguro, elas mostram coragem suficiente para dizer, aos que estão ávidos de escutar, o que decidir de maneira que a decisão continue segura e se justifique em todos os julgamentos a que interesse. A esse respeito o fundamentalismo religioso pertence a uma família mais ampla de soluções totalitárias oferecidas a todos os que deparam a carga da liberdade individual excessiva e insuportável.

Conforme já visto acima, na visão de Bauman (1998: 229), a liberdade na modernidade líquida pode ser encarada como que de uma libertinagem se tratasse, pois os indivíduos podem tudo que lhes apetece de acordo com as suas possibilidades que, no que respeita a globalização, são ilimitadas, tendo em conta a acessibilidade que esta lhes confere.

A liberdade é original e natural não é determinada por ninguém e por isso é um factor de mal-estar, há uma ausência, um vazio, não há uma tábua de valores, já não há propósitos, “eu tenho” que inventar tudo, por isso a liberdade líquida está associada a solidão e como defende Heidegger o *dasein* está lançado num mundo e susceptível a várias possibilidades, mas há um mal-estar causado pela ausência do chão, o Homem caminha sobre a areia movediça por essa razão a sua vida é caracterizada pela insegurança e solidão.

Bauman entende que a não determinação da liberdade tem implicações existenciais, psicológicas e políticas, podendo transformar-se numa motivação para voltar a aderir ideologias: como o nazismo, totalitarismo e todas outras formas de violência e alienação do Homem. Deste modo esta falta de horizonte, de compromisso e de referências, para Bauman é que faz com que haja uma busca de preenchimento de um grande vazio que é de identidade.

Contudo, a identidade buscada no mercado da oferta é uma falsa identidade, que por sua vez gera a falsa felicidade ou melhor, a falsa consciência de felicidade. Portanto, tudo aquilo que o Homem faz, deseja, conhece e escolhe aparece como um pacote pronto, para ser aberto e consumido como um modo de vida oferecido pelo mercado da existência, mas negar a liberdade é negar a si próprio.

O desejo excessivo da busca da liberdade aparece por causa da experiência histórica da opressão. Mas a busca ou luta frenética pela liberdade vai além da liberdade ideológica (social, cultural e religiosa) passando a atingir a liberdade em relação aos laços humanos ou a uma relação afectiva, este tipo de liberdade parece vantajosa, porque o indivíduo está aberto a todas possibilidades, mas em nome da privacidade e das novas oportunidades coloca-se numa solidão, isolamento e um vazio afectivo porque a privacidade tem suas consequências, o Homem vive numa reclusão interior.

2. Da indústria cultural à decadência da emancipação

A fragilidade social é a marca da pós-modernidade, pois nos contextos antecedentes havia um grau elevado de nacionalismo, sacrifício pessoal e patriotismo em nome do bem-estar social. O que na pós-modernidade é impensável pois cada um se esforça em nome do bem-estar individual, é por isso que as sociedades actuais são sociedades dos indivíduos, e o nacionalismo são valores invocados numa perspectiva defensiva, por exemplo quando há ameaça de uma guerra, caso contrário os indivíduos vivem dentro de castas imaginárias.

Baudrillard (1995: 22) afirma que os meios de comunicação associam a felicidade à quantidade de produtos que são consumidos, onde é extremamente relevante ter por exemplo a última roupa da moda, o último modelo de carro, poder frequentar lugares de prestígio, onde todos desejam estar, mas não podem, porque o que interessa é o aparente.

E como vive-se numa sociedade de réplicas, o homem procura imitar o seu modelo ideal de felicidade. E segundo Lipovetsky (2007: 336) é em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo é nesse contexto que surgem os guias e métodos para viver melhor, a televisão e os jornais bombardeiam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade.

O aparecimento dos meios de comunicação e informação contribuiu para o aparecimento de uma nova forma de relacionamento humano, através da apresentação e defesa de diversos pontos de vista, referentes por exemplo: a um discurso quer ele de carácter científico, social, político, económico e cultural apresentado pelos media.

Segundo Vattimo (1994:15) o aparecimento dos media teve lugar no esgotamento da modernidade, mas também numa fase de busca pela liberdade e emancipação efectiva, numa fase de desenraizamento e desgaste do princípio da realidade, aparece num período de celebração do fim da história por isso a media chegou num momento oportuno, criando espaço de afirmação à minorias étnicas, sexuais, religiosas e culturais. Portanto, possibilitou o tomar da palavra a grupos outrora reprimidos e silenciados.

Para Adorno o aparecimento dos media possibilitou por um lado o tomar da palavra por parte dos grupos minoritários, mas por outro lado possibilitou a formação de um neo-feudalismo, que certa forma volta a anular todo o esforço de liberdade, emancipação e autonomia, visto que se formou uma indústria cultural que é essencialmente uma indústria das consciências. A indústria cultural é descrita como um processo que ocorre no contexto da economia capitalista em sua fase monopolista e que tem o poder de produzir bens culturais para a massa. Tal processo se colocou como preenchimento de uma lacuna proveniente da perda da religião.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1985: 295) os produtos culturais atingem todos os níveis de consciência psicanalítica do indivíduo. Seus conteúdos veiculam não só uma mensagem explícita, como também uma mensagem oculta a ser absorvida pelo inconsciente dos indivíduos. Dessa forma, a indústria cultural difunde não só regras sociais e comportamentos como também formas de conceber e analisar o mundo, pois ela impede a formação de indivíduos autónomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. E não só: A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer.

A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espectáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma que o convidado deve-se contentar com a leitura do cardápio. Isto significa que o aparecimento dos media, criou novas formas de poder deixando o indivíduo sem consciência crítica, pois o molda para esse sentido, assim o indivíduo busca novas formas de

atingir a autonomia e a liberdade. Porém nessa busca cria-se uma situação de insegurança, assim mesmo diante de várias possibilidades e meios de comunicação, a sociedade pós-moderna mostra-se indiferente, isolada, provocando um desligamento entre si e o consequente desfalecimento social.

Conquanto, Lipovetsky (2004: 67) no que diz respeito a influência que a media pode exercer na formação de uma consciência crítica e autónoma, defende que não se deve culpabilizar e estigmatizar os mass media tal como fazem os defensores da escola de Frankfurt, principalmente na pessoa de Adorno e Horkheimer que afirmam que a media produz uma falsa consciência através da manipulação da informação atomizando assim a sociedade. Portanto, estes pensam que quando: A violência aumenta a culpa é da “TV crime”.

O rendimento escolar cai: a culpa é das horas passadas na frente da telinha e da imbecilidade dos programas. Reaparece a xenofobia: não se devia ter convidado os líderes da extrema-direita para falar na televisão. A abstenção eleitoral aumenta: a culpa é da media, que idiotiza os eleitores com seus programas de variedades e transforma a política em espectáculo. O culpado é sempre o mesmo.

De acordo com Bauman (2001: 140) Temos um novo demónio responsável por todos os nossos males: a media, daí que deve-se observar que a media possui grande influência na sociedade, mas ela não possui poder total, a media não é inimiga das sociedades democráticas e liberais, ela contribui para uma sociedade de consciência crítica, por exemplo através de debates é possível alargar os horizontes de reflexão de cada indivíduo, por isso ela não aparece para atrofiar as faculdades intelectuais mas sim para mediar processos, principalmente nas sociedades democráticas

Todavia, deve-se perceber que há sempre um equilíbrio de forças e jogos de interesse, por isso todos actores sociais devem agir responsavelmente com vista a construir-se uma sociedade justa, crítica e consciente que não limite as liberdades individuais. Historicamente, o Homem quase sempre se mostrou sombria na medida que foi uma história de dominação em que as pessoas com as mãos livres mandaram em pessoas com as mãos atadas; a liberdade das primeiras é a causa principal da falta de liberdade das últimas, ao mesmo tempo em que a falta de liberdade das últimas é o significado último da liberdade das primeiras.

3. A busca da felicidade no mundo líquido

A vontade de alcançar a felicidade é que é permanente, e procura-la é a única coisa que mantém viva a esperança de ser feliz. Para Lipovetsky (2003: 46) se antes vendiam-se objectos consumíveis reais, hoje vendem-se imagens, modos de ser, mascaras prontas a serem usadas no dia-a-dia. O sofrimento quotidiano leva o indivíduo a buscar o consumo sistemático até das identidades fast-food.

Deste modo impera o “Sofro, logo compro”, quanto mais isolado estiver, mais paliativos o Homem irá comprar para satisfazer esse vazio. Portanto, o acto de comprar é uma terapia, uma forma de fugir das pressões e das frustrações quotidianas.

Para Baudrillard (1995:19) o que melhor caracteriza a condição pós-moderna é o consumo, visto que o consumo se tornou cultura, ou seja, o consumo deixou de ser opção e passou a ser um *modus vivendi*, uma forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros. Na sociedade de consumo os bens metafísicos como o amor, a amizade, o conhecimento, perderam o seu valor existencial e ganharam o valor comercial.

Na sua óptica já não há o consumo de objectos reais, mas sim de imagens propagadas pelos meios de comunicação de massa, por isso pode-se afirmar que o princípio de organização da sociedade e de formação de consciência é determinada pelos meios de comunicação de massa.

Para Baudrillard (2001: 41) a tecnologia tornou-se numa arte de viver, em que o real foi substituído pelo virtual e tudo se tornou numa simulação, ocorre o desaparecimento do sujeito real porque tudo ocorre e é mediado electronicamente, por isso as pessoas contemporâneas emocionam-se mais ao ver personagens do cinema ou da novela do que com a situação degradante em que vive o seu próximo.

O que melhor caracteriza o sujeito pós-moderno é o individualismo, tanto que os homens e mulheres sentem-se totalmente despreparados para construir relações e abandonados aos próprios sentidos, não sabem o que fazer da liberdade, o resultado disso é que as “relações” de nos tempos líquidos, se fundamentam numa falta de compromisso real.

E esse vazio do sentido, de sentimento de emoções e de ideias só gera mais pessimismo, infelicidade, depressão e indiferença, por isso Lipovetsky (2003: 246) defende que esta é uma das fortes causas e do crescente índice de suicídios nos últimos tempos.

Embora, Lipovetsky descreva o consumo em diferentes fases concorda com Bauman que o Homem procura e é oferecido pelo mercado receitas acabadas de satisfação imediata dos seus desejos com o objectivo de alcançar a felicidade momentânea. É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo.

Nesse contexto, guias e métodos para viver melhor fervilham, a televisão e os jornais destilam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade, os gurus que prometem a plenitude multiplicam-se. Alimentar-se, seduzir, relaxar, fazer amor, comunicar-se com os filhos, quais esferas ainda escapam as receitas da felicidade? Passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do treinamento generalizado e da felicidade, modo de usar para todos.

Contudo, Bauman critica essa posição colocada por Baudrillard na medida que para Baudrillard tudo é simulacro. Porém, Bauman defende que nem tudo deve ser tomado como simulacro, por exemplo: é falta de sensibilidade afirmar que as guerras, a fome, o crime, a crise de valores, as intolerâncias políticas e religiosas e até a própria formação da sociedade de consumo não passam de simulacros, ou seja, que não é nada além de imagens que transcendem a realidade e que não tem nenhuma ligação com o mundo real.

Mas se a modernidade líquida como afirma Lipovetsky (2007: 336) é caracterizada pelo consumismo que traz consigo a noção de felicidade camuflada. Então, a sociedade só buscará freneticamente o consumo, mas coisas que serão obtidas nas prateleiras jamais serão satisfatórias.

Assim, os indivíduos passam tempo engendrando formas de obter o supérfluo, esquecendo consequentemente daquilo que é útil, como a relação com o outro, a solidariedade e a fraternidade. Os indivíduos compram bens ou objectos porque alguém adquiriu e que está num ranking social superior, tentando estes igualar-se a ele. Por isso, o mercado busca a performatividade que consiste na produção, modernização ou actualização de novos produtos e serviços a fim de fazer face a demandada procura, porque é cada vez mais fortificada e

generalizada a crença de que há um vínculo íntimo entre a felicidade a quantidade e qualidade do consumo.

Existe um paradoxo entre a felicidade e a riqueza, tendo em conta que vive-se uma era transparente de informação e comunicação e na maioria das vezes uma transparência deturpada, uma informação manipulada, há oferta de serviços e bens que tendem substituir os bens metafísicos que não podem ser comprados, ou seja, o amor, o reconhecimento, o respeito mútuo, a amizade e o companheirismo.

Por isso, para Bauman (2004: 27) embora o indivíduo esteja na era dos desktops, laptops, dispositivos electrónicos e celulares que cabem na palma da mão e que podem ser manuseados em qualquer parte, a maioria das pessoas tem uma quantidade mais do que suficiente de areia para enterrar a cabeça. O problema, evidentemente, é que procurar um parceiro não se ‘encaixa’ muito bem no ‘esquema’ comprar e pagar, muito menos uma companhia para a vida.

O mercado não vende e os sujeitos não podem comprar, não obstante, os mercados procuram vender algo que concorra na substituição desses bens metafísicos, onde o lema é “sempre produzir para vender e vender uma nova linha de serviços e produtos”, ou seja, procuram a performatividade, a fim de agradar ao público consumidor que por seu turno procura sempre as novas marcas e os novos serviços para o reconhecimento perante os outros, elevando a sua auto-estima.

A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito. O mercado faz com que os bens desejados para o consumo fiquem rapidamente obsoletos e instantaneamente passem a ser ridicularizados, de modo a garantir um novo e sucessivo bombardeamento em objectos de consumo.

Assim sendo, Giddens (2002: 182) afirma que própria corrupção da noção de “estilo de vida”, reflexivamente trazida para a esfera da propaganda, resume esses processos. Os publicitários se orientam por classificações sociológicas de categorias de consumidores e ao mesmo tempo estimulam “pacotes” específicos de consumo. O consumo de bens sempre renovados torna-se em parte um substituto do desenvolvimento genuíno do eu; a aparência substitui a essência à medida

que os signos visíveis do consumo de sucesso passam a superar na realidade os valores de uso dos próprios bens e serviços em questão.

Portanto, vive-se num mundo da descartabilidade e se o Homem pode ser concomitantemente sujeito e objecto de consumo, também pode ser descartado, por isso a corrida pelo melhoramento é uma questão de sobrevivência, é a condição para manter os laços e como o futuro é cheio de incertezas vive-se intensa e eternamente o episódio do instante, a palavra do dia é o “agora”. Porque a vida levada instantaneamente parece ter uma vantagem, uma vez que o futuro é repleto de incertezas.

Ademais, na noção do tempo: passado, presente e futuro, não se encontra mais uma ligação lógica, uma vez que o passado já não oferece fundamentos para uma vida presente segura, mas ignora-se totalmente o presente porque está fora do alcance ou do domínio do Homem, uma vez que é virtualmente mediado e teme-se o futuro porque tem sido fonte de sofrimentos.

Contudo, para Bauman (1998: 192) o ser humano é marcado pela angústia porque parece que sempre tem algo errado com ele, por exemplo: a angústia de acreditar que devia viver mais do que vive, ter mais saúde do que tem, ter êxito no que faz, prever e adiar o que não é bom e alcançar a tão almejada felicidade.

Para buscar a felicidade nos tempos líquidos, os indivíduos montam e desmontam num ápice as suas identidades, a fim de actualizarem-se o mais rápido possível, uma vez que o Homem tem como características, a adaptabilidade, racionalidade, imersão no universo.

Portanto, o Homem busca valores dentro de si mesmo a fim de responder as expectativas do momento, por isso, tudo o que estiver perante as suas possibilidades ou vantajoso monetariamente serve.

Portanto, o Homem líquido moderno vive um dilema, uma vez que ao mesmo tempo em que vive ansiando por segurança que pode ser assegurada pelo seu parceiro, familiar ou amigo, o que implica compromissos, laços e logo, privação parcial das escolhas, o mesmo sente cada vez mais a necessidade de se libertar das amarras das relações, porque podem também implicar desgosto e infelicidade quando novas oportunidades de satisfação e realização aparecerem, ou seja, ainda não foi descoberta a fórmula perfeita que combine de forma equilibrada a segurança e a liberdade.

4. Individualismo e as possibilidades de uma vida em comunidade dominadas pelos mass media

Na perspectiva de Bauman (2003: 7), o homem já nasce numa comunidade, ou seja, a comunidade chega a ser anterior ao Homem, contudo como vive-se numa era “democrática” é fácil sair de uma comunidade e entrar noutra bastando apenas comprometer-se a ela assimilando as regras de conduta, e isso é bastante notável actualmente com a forte mobilidade de indivíduos (imigrantes). Na comunidade sempre há entendimento, há confiança, há fraternidade e há o objectivo de melhorar a vida de todos membros porque todos são um só corpo. Portanto, todos se ajudam sem esperar contrapartidas. Mas o preço da pertença a uma comunidade é pago pela liberdade.

O desejo de pertencer numa comunidade vem inequivocamente da busca pela segurança, e pelo facto de ser aceite, sem questionamentos ou condicionamentos pelos outros, aliás na comunidade não há outros, mas sim “nós”.

Comunidade vem do latim comunas ou comunia, o que significa que todos compartilham os mesmos bens e principalmente os espirituais, por isso a comunidade inspira uma boa sensação, diferentemente da sociedade por isso se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade, mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.

A comunidade é uma estratégia de sobrevivência do Homem e não passa de um mito uma vez que a pós-moderna é artificial e não tem, identidade própria, não tem raízes. A comunidade actualmente formada dura tão-somente o tempo que o medo prevalece.

Richard Sennet citado por Bauman (2001: 207), alerta que o ‘nós’ é uma atitude negativa, ou seja, defensiva, o Homem é essencialmente egoísta e praticar o narcisismo é o que o torna autónomo e mais senhor de si. As pessoas simulam que pertencem umas às outras, o sentimento de “nós” que expressa o desejo de semelhança é um modo de evitar olhar mais profundamente nos olhos dos outros. Ademais, as comunidades actuais tendem a assemelhar-se a orfanatos, prisões ou manicómios.

Portanto, uma outra estratégia é a super-valorização das etnias porque de per si tem raízes, objectivos compartilhados e uma história comum, deste modo todos são iguais. Fazer parte de

uma etnia estimula à acção até inconsciente de um propósito. O Estado sólido moderno outrora lutou para eliminar os regionalismos, paroquialismos ou qualquer tipo de formação de pequenos grupos que lutassem por interesses particulares, com vista a agregar todos numa só força a agirem em favor de um interesse maior que era a fortificação do Estado, mas invocar o patriotismo e o nacionalismo num discurso político pós-moderno parece algo vazio, porque o patriotismo parece estar associado a um espaço geográfico e só podia ser exercido através da neutralização de uma força ou perigo forasteiro.

Bauman (2004: 60) observa que as comunidades não funcionam, porque todos são estranhos a todos uma vez que cada um vive mediante seus princípios, porque não se cultivou ainda o hábito de ver na diferença um acto de liberdade e afirmação individual, a ambivalência é vista como um perigo, por isso uma das maiores apostas da política depois de ter perdido a sua essência e ter ficado como afirma Webber com o monopólio da violência legítima é de lutar e punir severamente o imigrante ilegal, ou seja, eliminar tudo o que é diferente, o que não se conhece e não se pode determinar.

Deste modo busca-se a convivência com pessoas com hábitos uniformes de modo a evitar qualquer tipo de risco e mal-entendido. As comunidades actuais não passam de utopias manifestas sob forma de esconderijos, onde ainda se busca o sonho da harmonia, em que todos ‘simulam’ a prática de regras de boa convivência.

Bauman (2001: 110) explica que um grupo de psiquiatras do Victorian Institute of Forensic Mental Health, na Austrália, advertiu recentemente que mais e mais pessoas estão denunciando falsamente terem sido vítimas de assaltantes, “gastando credibilidade e dinheiro público”—dinheiro que, como dizem os autores do relato, “deveria ser canalizado para as verdadeiras vítimas” Alguns dos “falsos denunciadores” investigados foram diagnosticados como vítimas de “severas desordens mentais” e “acreditavam estar sendo assaltados em seus delírios de que todos conspiravam contra eles.”

Portanto, isto prova que o temor de ser assaltado ou violentado tomou proporções exorbitantes a ponto superar o próprio acto. E os que cometem a violência tomam qualquer tipo de configuração.

Desta feita, a purificação dos espaços é uma questão urgente e equipara-se ao exorcismo feito numa casa assombrada prestes a ser habitada. A existência das comunidades pós- modernas era uma medida para fugir dos perigos do dia-a-dia mas parece terem fomentado a onda de violência o que constitui um abono a segurança privada, e houve uma produção de significado e de identidade: *" meu bairro, minha comunidade, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha praia, minha capela, minha paz, meu meio ambiente. Indefesas diante do furacão global, as pessoas se agarraram as si mesmas"* (BAUMAN, 2004: 57).

Assim, o pior inimigo do cidadão é o indivíduo, uma vez que o cidadão busca o seu bem-estar através da satisfação social ou através da realização da sociedade, já o indivíduo não é sempre céptico e desconfiado a qualquer tipo de projecto que se pretende colectivo, uma vez que busca a satisfação individual.

Por isso tendem a reduzir os espaços públicos que são engolidos pela iniciativa privada, os problemas que são de carácter individual são escancaradamente debatidos em público, e como vive-se o período “pós” da pós-crítica os mesmos são discutidos com a maior consideração e interesse, criticar estes fenómenos incorre-se sofrer represálias ou ser ridicularizado. O que resta diante do medo contemporâneo é aderir a comunidades onde os interesses são momentaneamente compartilhados, e nisto a comunidade dura o tempo em que durar também o interesse.

Bauman nota que a exposição do privado no público é um acto não apenas de exibição, mas de procura de identificação com um grupo, é um acto de auto-afirmação, é uma espécie de confirmação existencial, por isso a “vida social já se transformou em uma vida electrónica ou cibervida” (BAUMAN, 2005: 8). Esta mostra um total descomprometimento com os outros cibersujeitos, uma vez que tudo é feito sob o toque de um aparelho, os grupos ou comunidades virtuais são a melhor expressão da condição líquida. Este fenómeno é determinado por dois actos simples que são: Conectar e desconectar, onde a maior vantagem é que o indivíduo pode ter múltiplas conexões e se desconectar sem compromissos e sem ter que se justificar, o mesmo não ocorre nas relações, o indivíduo teria que mentir, se justificar, pedir desculpas. Deste modo, sai-se das comunidades tradicionais, fisicamente mediadas porque baseiam-se no contacto face a face, para formarem-se as comunidades virtuais mediadas electronicamente. Assim, as comunidades são uma saída para fugir da angústia, solidão e vazio existencial pós-moderno.

CAPÍTULO III: SOCIEDADE LÍQUIDA COMO MANIFESTAÇÃO DA CRISE DE IDENTIDADE

1. (in) existência da Ética ou crise de valores na Modernidade líquida

No fim da idade moderna, as teorias éticas começaram a parecer mais semelhantes à avenida, isso possibilitou a compreensão radical dos fenômenos morais. Com isso, surgem interpretações algumas radicais, o caso da “revolução” pós-moderna na ética, está associada a noção pós-moderna de moralidade. A mais célebre é a da “morte da ética”, ou seja, ocorre na visão de Bauman uma posição de xeque na ética, substitui-se a ética pela estética, e ainda, a mesma ética é denegrida e destinada ao lixo da história, daí que Bauman entende que uma das maiores vitórias do estudo da ética no pós-modernismo não consiste no abandono da moral da modernidade, porém, a rejeição do modo moderno de tratar problemas morais.

Na passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida há clivagem axiológica, e isto torna-se notável quando *“Três, quartos dos jovens, entre os treze e dezassete anos, quando questionados sobre o que realmente os pais lhes ensinaram, falam da necessidade de estudar para ter uma boa profissão. Mas o respeito dos princípios morais só é citado uma em cada quatro”* (LIPOVETSKY, 2004: 30).

Portanto, enfrenta-se uma condição em que as grandes figuras morais como Abade Pierre, Madre Teresa, Nelson Mandela e Mahatma Gandhi, são de longe celebradas e respeitadas, mas ninguém as toma como referência de vida para si ou para seus filhos. Por exemplo na sexualidade, como é que se explica que alguém coloque a sua virgindade a leilão, como é que se explica o fenômeno do abuso sexual de menores perpetuado pelos próprios pais, essas são evidências da ausência de sentido e da urgência da revisão de todos os valores, porque as instituições: Estado, Comunidade, Família, Escola e Igreja entraram em colapso.

Contudo, é pertinente antes de mais nada, explicar conceito crise que deriva do grego Krisis, termo este que é de origem médica e que foi usado na medicina hipocrática¹ e indicava a transformação decisiva que ocorre no ponto culminante de uma doença e orienta o seu curso em sentido favorável ou não. Portanto, é um momento de incerteza, de conflito ou desordem. Mas a crise no contexto da identidade referente ao sujeito pós-moderno refere-se às manifestações

verificadas, devido as diversas influências sofridas pelas várias transformações políticas, sociais, culturais, religiosas e individuais, assim o sujeito pós-moderno é aquele que tenta ser o fundamento dos seus próprios valores, mas que não os toma como absolutos e sim como relativos, contribuindo desse modo para o reconhecimento e respeito pela alteridade e a harmonização das ambiguidades. Por isso o sujeito pós-moderno tem uma identidade inacabada, aberta, instantânea, em constante fluxo.

Na visão de Gonçalves (2009: 134) o facto de o indivíduo não assumir uma forma padrão de ser, gera uma “crise” de identidade e de valores que tem se feito sentir em todas as frentes, desde o consumismo que é norteado pela ética do mercado, deixando o governo ou os Estados não mais como protagonistas, mas apenas como facilitadores deste processo, entrando assim em colapso a identidade nacional, a educação por sua vez acaba caindo num paradoxo, primeiro porque a educação formal quer formar e ou instruir o indivíduo de modo a servir e a impor-se no mercado do consumo, mas ao mesmo tempo se lhe é exigido o humanismo, também porque não basta ser humano, deve-se cultivar a humanidade e isso contrasta sobremaneira com o contexto actual. Segundo, uma vez todos valores colocados em xeque a educação tanto a formal como a informal “forma” uma sociedade desorientada, pois já não se sabe o que ensinar, para que sociedade ensinar, apenas se tem a certeza de que o Estado da crise actual deve ser ultrapassado porque a ética do mercado desumaniza o Homem.

Terceiro, uma vez que as fases histórico-sociais se alteram ao longo do tempo ao sabor das necessidades e circunstâncias, as antigas e novas gerações tem entrado num ‘conflito’, até os mais tradicionais grupos sociais vivem este dilema, de ter que criar uma dialéctica entre o velho e o novo, de modo a não se escandalizar quer os velhos como os novos hábitos, mas o maior problema na mediação desse fenómeno é que não há instâncias e nem mecanismos formalmente instituídos e também porque estes fenómenos podem ocorrer de forma inconsciente.

Essa crise afecta todas as dimensões do Homem, valores como: amor, felicidade, carinho, afecto e respeito foram perdidos, mesmo a família que é o núcleo base da sociedade e instância de suporte identitário ou axiológico, dela não mais se pode buscar nenhum valor absoluto, porque por exemplo: encontram-se actualmente muitos pais que não exercem a paternidade ou maternidade, mas que volta e meia exigem dos filhos o que eles próprios enquanto pais não deram.

Segundo Manuel Castells (1999: 22) a identidade é fonte de significado e de experiência de um povo, ou seja, é um processo de construção de significado com base em atributo cultural, mas Brasileira Ingrid Migliorini de 21 anos participou do projecto australiano denominado "Virgins Wanted", no qual vendeu sua virgindade por cerca de 1,5 milhão de Reais. Rasta's, índios, vegetarianos, homossexuais, transexuais, negros afro-asiáticos e outros.

Actualmente através da Internet, encontramos novas formas de formar identidades embora instantâneas, os indivíduos criam identidades colectivas em escala global, ocorrendo assim uma transmissão simultânea do saber, onde as sociedades constroem a sua memória colectiva que se reproduz socialmente. Deste modo, à medida que a tradição e os costumes se afundam à escala mundial, a própria base da identidade, a consciência de quem é o indivíduo, altera-se.

A política é um meio actual de busca de facilitações, influências e acumulação indevida de riqueza, o Estado é um mero gestor passivo. A comunidade está a viver os seus dias de pesadelo, onde pequenos grupos numa atitude defensiva usando 'os nós' reivindicam o seu reconhecimento, entrando quase sempre em choques com o Estado, por isso já foi perdido o valor da confiança porque qualquer um pode se filiar a estes grupos.

O cepticismo e o relativismo ético são consequências directas e imediatas da modernidade e são a pedra angular da consciência pós-moderna, pois o Homem levantou a pretensão de dar a si o fundamento das suas normas, dos seus valores, das suas crenças e dos seus costumes, numa única palavra, do ethos. A vida humana ficou vazia do sentido e essa pretensão narcisista de ser a fonte dos valores deixa cada vez mais calamitosa a condição humana em termos de compreensão, tolerância, respeito e dignidade do próprio Homem.

Por causa da pressão do consumo Goncalves (2009: 134) diz que assiste-se a paulatina dissolução das sociedades tradicionais e este é um fenómeno que não pode ser remediado porque não é retroactivo, isto é, o seu inverso é impossível, não é possível voltar a posição inicial, a comunidade artificial dura apenas o instante, uma vez que "no mar dos particularismos, o conceito de identidade sofreu uma implosão, em que a luta não é mais em função de uma identidade colectiva universal, mas sim da particular, seja em defesa de Deus, seja da raça, do género e/ou da etnia.

Deste modo, tudo fica descartável sem valor, o Homem se lança cegamente as suas próprias ansiedades e segundo Bauman (2005: 3) numa sociedade de referenciais pulverizados, de paradigmas efémeros a culpa fica eclipsada e o lúdico, o cómico domina o quotidiano. Programas como Pânico na TV, são vistos como humor de mau gosto apenas por pessoas de outras gerações.

Ridicularizar um ancião, uma autoridade religiosa ou laica, um pai, um professor, a polícia, tudo é permitido, afinal tudo é brincadeira e quem não aceita é um ultrapassado. Enquanto Lipovetsky (2003: 11) possui uma visão mais positiva ou optimista dos factos uma vez que para este, o Homem sem compromissos é mais livre, flexível e criativo.

A identidade embora seja um fenómeno actualmente complexo pode ser entendida como o pertencer a uma determinada cultura, etnia, religião, língua, nacionais e actualmente a um grupo sexual, a um movimento que reivindica determinada causa, ou até a um grupo com forte poder de consumo, por isso o objecto de consumo tem a potência de carregar um significado simbólico relevante, pois através dele pode se saber que tipo de locais o indivíduo frequenta, o seu status e sua rede de relações.

Para Oliveira (2005: 8) a crise de valores ocorre porque há uma banalização da contradição entre os valores e os contra-valores, isto é, Tudo parece conviver numa harmonia que mascara a contradição. O bem e o mal parecem próximos, como se fosse o mesmo fazer o bem ou fazer o mal, as telenovelas, por exemplo, sempre apresentam personagens que personificam o mal, mostrando que esse é um caminho possível a ser escolhido.

Por vezes, tais personagens são aquelas que tudo conseguem e que, ao final, acabam se saindo bem. Da mesma forma, a confusão entre os valores aparece no campo da justiça, a injustiça convive de modo quase trivial com a justiça, agir de modo justo ou injusto parece fazer pouca diferença, sobretudo quando se observa a impunidade reinar e as saídas benéficas serem soluções aceitáveis em várias situações.

Por isso, a ideia de identidade transformou-se, liquidificou-se, tornando-se um problema de estilo, o Homem pós-moderno é o que come, o que veste, os locais que frequenta (restaurante, praia, hotel, lojas, etc.) é os amigos que tem, é o livro que lê, por isso a personalidade é vista

como negativa, porque é um compromisso, uma cruz que deve ser carregada por toda vida, o Homem pós-moderno é um Homem leve e:

Essa concepção produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (BAUMAN, 2003: 12).

Isto significa que o Homem deve estar pronto a abandonar a antiga identidade quando esta tiver perdido o brilho da sedução. Portanto, o maior temor ou problema não é a identidade em si mas é a atenção que se deve ter em conta, quando a identidade actual não servir, porque o mercado do consumo já nos fornece modelos de identidades prontos a serem simuladas no espectáculo folclórico da vida social.

E segundo Bauman (1998: 9), Freud entende que valor é uma obsessão cultural ao longo do tempo, é o que se postula como transcendentemente imprescindível, é a marca, o que diferencia os homens dos outros animais, mas nos tempos líquidos tudo perdeu o seu valor e ganhou um preço, e devido a essa desorientação em cada canto existe uma comissão ou comité de ética, aliás a ética pós-moderna é uma ética que pode ser comprada, porque todos perderam a noção do bem e do mal.

Para Gonçalves (2009: 95) a crise pode ser tomada em dois sentidos: um negativo onde há a desorientação, a incerteza e a desordem instalada na vida de uma determinada pessoa ou grupo, em função da quebra do sentido partilhado e da transformação da ordem social em função dessa quebra. O segundo sentido é positivo: em face da situação acima descrita, vê-se a crise como um momento de decisão e de escolha na vida de um determinado grupo ou pessoa.

Existem algumas atitudes que podem ser tomadas diante de uma crise, quer ela política, social, cultural, individual ou psicológica, o Homem pode ater-se a atitude negativa de conformar-se com a realidade ou pode positivamente encontrar na crise um momento de introspecção e revisão de todo o sistema de ideias ou valores com o objectivo de dar uma re-significação ao status quo, por isso o futuro da Humanidade está na responsabilidade do mesmo.

Portanto, a modernidade líquida não é como se pensa comumente a ausência de valores, mas sim excesso de valores e padrões de conduta, onde não existe uma hierarquia de valores, para o

Homem seguir na sua orientação de vida, o sujeito líquido é vítima da pluralidade de ofertas, e procura compor uma forma de conduta retirada das diversas ofertas, mas esse padrão de conduta é sempre efêmero, por isso o Homem vive remontando, reinventado sua identidade.

Contudo, observa-se que quanto mais se intensifica a ideia de um niilismo ético de cultura individualista, mais também cresce a consciência de responsabilidade social através de operações caritativas de cunho humanitário, quanto mais se exerce o narcisismo mais também cresce o número de voluntários nas organizações sem fins lucrativos. Portanto, não se pode falar de um niilismo ético ou de um pós-humanismo mas sim de uma sociedade paradoxalmente construída, bastando haver mais actos de responsabilidade de cada um em prol de uma sociedade melhor.

2. A formação da identidade como problema da modernidade líquida

Na perspectiva de Hall (2006: 9) a identidade aparece como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento de diversos indivíduos, em que cada um se reconhece através das manifestações do outro. Para falar da identidade pessoal na modernidade líquida, é necessário partir dos pressupostos da formação ou construção da identidade na modernidade sólida. Para tal recorrer-se-á a Stuart Hall que defende que, as identidades culturais surgem do sentimento de pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e também nacionais. De acordo com Hall as condições actuais da sociedade estão fragmentando as paisagens culturais de classe, género, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

De acordo com Hall existem ao longo da história três concepções da identidade, a primeira é denominada identidade do sujeito do Iluminismo, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência, para produzir significados. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e, prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica.

A segunda concepção refere-se à identidade do sujeito sociológico, onde reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, o sujeito se constitui na interacção com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. Ainda permanece o núcleo interior, mas este é

constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. Assim, o sujeito é, a um só tempo, individual e social; é parte e é todo.

A ideia acima supracitada está em convergência com a de Morin e Rabuske, na medida em que por um lado Morin (2003: 47) ao afirmar a dimensão triádica do Homem, explica que na dimensão antro-po-social o Homem só pode existir e desenvolver as suas idoneidades cognitivas como por exemplo a linguagem e a cultura dentro de um meio social, ou seja, através das inter-relações, mas por outro lado Rabuske (2008: 19), afirma quatro dimensões do Homem, e explica que a dimensão comunitária faz parte do núcleo do Homem porque o Homem não é auto-suficiente. Contudo, Morin e Rabuske entram consonância pelo facto de notarem que estas dimensões não podem ser tomadas de forma separada, mas devem ser estudadas de ponto de vista complexo, para evitar tomar o todo como parte ou a parte como todo.

A terceira concepção apresenta a identidade do sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. Por isso afirma que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar.

Na perspectiva de Canavezes (2009: 15-20) A formação da identidade no mundo globalizado pode ser entendida como um processo pelo qual ocorre a convergência dos modos de vida de culturas diferentes e que por meio do contacto ocorre a aculturação.

A aculturação tem como consequência na maioria das vezes a desintegração de uma em várias culturas, sob a influência directa e contínua de diferentes grupos, mas esse contacto também implica a aceitação de alguns e rejeição de outros elementos “culturais”, essa mistura de culturas pode gerar uma desordem social, ou seja, esse encontro pode produzir como consequência semelhanças até nas formas de vida do indivíduo, desde a gastronomia até aos objectivos de vida. Portanto, pode ocorrer uma universalização de valores.

Economicamente pode ser entendida como movimentação intensa de capitais quer através de iniciativa individual como também das multinacionais, e neste caso, ocorre a intensificação do comércio numa escala planetária, o que de certa forma pressiona os governos a abrirem espaço

para maior desregulamentação, o que abona a lógica capitalista, mas também gera mais riscos, como o crime organizado e o terrorismo.

Segundo Campos e Canavezes (2009: 10) alguns defendem que a globalização é o culminar da ideologia neoliberal, e por isso um processo que é levado a cabo pelos homens, mas outros defendem que a globalização faz parte de um processo histórico e civilizacional, deixando claro deste modo que é um fenómeno progressivo da Humanidade e que está longe de ser evitado pelo Homem.

Embora haja dissonâncias em algumas colocações há também confluências, na medida que todos concordam que este é um processo ou fenómeno que está a ocorrer mundialmente e que afecta sobremaneira todos os Estados. Este facto é marcado pelo uso massivo dos meios tecnológicos e pelo comércio mundial de bens e serviços.

A palavra de ordem na globalização é a assimilação ou adaptação rápida e sistemática de todas as realidades que envolvem o indivíduo. Um dos principais factores impulsionadores da globalização são as tecnologias de informação e comunicação, onde a informação se transformou em poder, e os mass media actualmente ocupam o lugar do difusor das ideologias quer da prática do consumismo como da violência e distracção.

A globalização na visão Hall (2003: 67) também pode ser entendida como processo pelo qual ocorrem as identidades partilhadas, o multicularismo, o hibridismo cultural e a formação de identidades novas, mas este processo é condicionado pelo fluxo migratório e pela massiva produção e consumo de bens, deste modo concorda com Bauman quanto á saída da sociedade de produção para a sociedade de consumo.

Para Bauman (1999b: 3) a globalização é a diminuição ou compressão do espaço geográfico pelo encurtamento do tempo, onde o sujeito está aqui e em toda a parte, isto é, não está em lugar algum, a globalização pode ser a causa do sucesso de uns, mas também de infortúnio de outros, por isso: O pessimista poderá ver na globalização a maneira de destruir as culturas locais, de aumentar as desigualdades do mundo e de piorar a sorte dos empobrecidos. A globalização, dizem alguns, cria um mundo de vencedores e vencidos, minorias que enriquecem rapidamente e maiorias condenadas a uma vida de miséria e desespero (GIDDENS, 2000: 26).

O fluxo migratório, a movimentação massiva e desenfreada de pessoas e bens pode provocar um choque entre culturas, uma vez que vivem realidades diferentes, possuem valores e crenças também diferentes e a condição ou realidade cultural é dificilmente mutável.

O conceito ou ideia de globalização possui um significado de carácter indeterminado, de auto-propulsão aos assuntos mundiais, ausência de um centro, isto é, com a globalização existe uma espécie de mundialização. A globalização pode ser entendida economicamente como o mecanismo de concentração de capitais das finanças e de todos outros recursos de escolha e acção efectiva, sobretudo a concentração da liberdade de se mover e agir. A nova liberdade global de movimento cria uma dificuldade ou impossibilidade de se reunir questões sociais e efectiva acção colectiva.

Deste modo, Bauman (1999b: 4) entende que a globalização está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, globalização é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, globalização é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afecta a todos na mesma medida e da mesma maneira.

Além disso, esta globalização aqui referida tem seus factores, ela divide-se e une-se, pelo facto de o que para alguns é globalização, para outros é mundialização, ou seja, a globalização torna-se localização quando traz a hegemonia do ocidente, onde na geopolítica do poder o ocidente se sobrepõe a outros Estados e continentes.

Esta mesma, se afigura como liberdade para muitos, conquanto, para outros ela é um aprisionamento cruel e indesejado, porém, não se pode evitar, pois, ela afecta a todos. Um factor determinante para a percepção da globalização enquanto localização é a “Ruptura” de comunicação entre as elites. *“As elites escolheram o isolamento e pagam por ele prodigamente e de boa vontade. O resto da população se vê afastada e forçada a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento”* (BAUMAN, 1999b: 23). Com a globalização há uma tendência clara de abandono dos menos favorecidos por parte das elites e que as periferias proliferam em torno das elites globalizadas.

Entretanto, aqui a globalização toma outra face, torna-se um processo parasitário que vive da energia dos Estados. Perde-se também um dos valores que é a lealdade, pois, este torna-se motivo de vergonha no pós-modernismo, embora devendo ser um motivo de orgulho. É por essa razão que Bauman chama a globalização de nova desordem mundial.

Assim, Bauman radicaliza sua visão em torno da globalização, afirmando que ela traz tendências neo-tribais e fundamentalistas, e ainda, mostra uma crise de valores no discurso pós-moderno como consequências da globalização. Sendo que a saída da fase sólida da modernidade para a fase líquida da modernidade, onde as escolhas individuais são limitadas pelas organizações sociais, facto este que assegura a repetição de rotinas e de comportamentos aceitáveis.

Há uma tendência de ver-se a sociedade e tratá-la como uma rede e não como estrutura, é desse modo que surgem as incertezas do período líquido da modernidade. Sendo que na modernidade circunscreveu-se uma ordem e caos, ou ainda, alterações culturais, políticas e económicas. Por isso a globalização é um parasita que suga toda uma gama de princípios de solidariedade e valores. Para Bauman (1999b: 63) o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra os contornos nebulosos da globalização negativa. Em sua forma actual, puramente negativa, a globalização é um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados e de seus sujeitos. Sendo que: O “Estado No cabaré da globalização, o Estado passa por um strip-tease¹⁶ e no final do espectáculo é deixado apenas com as necessidades básicas: seu poder de repressão. Com sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, a nação-estado torna-se um mero serviço de segurança para as mega-empresas.

Com isso Bauman (2007: 14). defende que o Estado não coexiste com a globalização, pois, está de alguma forma a oprimi-lo, e sua energia de estrutura torna-se uma mera rede, passa a servir as empresas. Torna-se um seguro para a sua continuidade.

Actualmente, o caminho para a paz se encontra bloqueado pela ausência de justiça. Isto porque o Estado actual possui instituições zumbí que embora mortas ainda estão vivas, e isso se alastra para outras esferas coma a família, as relações interpessoais como a amizade, estes todos precisam ser redefinidos uma vez que tomaram outra forma, aliás perderam forma.

Entretanto o bem-estar de um lugar participa da miséria do outro, surge desta forma pressões voltadas à quebra de fronteiras, facto designado “globalização”, o que tornou as sociedades abertas, materialmente ou intelectualmente. Ademais, quando se fala de abertura de uma sociedade, associa-se a um destino irresistível, e aos efeitos imprevistos da “globalização negativa” ou ainda “A perversa ‘abertura’ das sociedades imposta pela globalização negativa é por si só a causa principal da injustiça e, desse modo, indirectamente, do conflito e da violência”

Na perspectiva de Bauman (2005: 21) a identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objectivo, uma construção. É algo precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, em tempos líquidos, interessa construir identidades individuais, e não colectivas. Porque na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas. Portanto, só se pode falar em construção identitária enquanto experimentação infindável.

Dai que Nietzsche afirma que é necessário fazer uma transmutação de todos valores, reinventar uma moral própria, ou seja, o Homem não deve mais ser determinado por outro ser, deve passar a ser medida de todas as coisas, porque deve praticar a ética, pois demonstra uma crise da certeza e da verdade, por isso nenhum sistema se deve pretender fonte de significado absoluto ou inquestionável.

3. Sociedade do consumo como manifestação da modernidade líquida

A história do Homem em sociedade é a história de relação: Homem-Natureza-Homem, onde o modo produção de vida material é que determina o processo social, político e intelectual. Por isso o Homem era definido como aquele que produzia e era o que o distinguia dos outros seres, mas diante dos factos, essa concepção materialista marxista do Homem ficou liquefeita, porque a sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores, e enquanto a produção é regulada por normas estritas, a vida organizada em torno do consumo, é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis.

Estes processos tornaram a sociedade num mercado, numa verdadeira arena de batalha, mas para Bauman (2004: 54) o Homem deve ter em conta tal como afirma Heidegger, o Dasein é também

ser com os outros, por isso só poderá realizar-se quando ver no alter a condição da afirmação de si mesmo, ou mesmo em termos de responsabilidade defendida por Levinas o Homem deve ajudar, defender, trazer alívio, curar ou salvar o outro, pois salva a sua própria humanidade e eleva a sua dignidade. O outro problema da condição actual é a acção dos meios de comunicação de massa que oferecem outros padrões de vida que inculcam novos paradigmas de realidade, que são mais apetecíveis do que a própria realidade, deixando a vida real parecer fictícia e indesejável e as imagens mais atractivas e reais.

Contudo, a sociedade do consumo é um atributo inequívoco da actual condição histórico-social, é um termo que resulta da interpretação do status quo contemporâneo, mas quando se fala do consumo não se pretende discutir ou abordar em termos de ser uma necessidade biológica e básica de um ser biológico, uma vez que o consumo é um imperativo dos seres com vida, e tão antigo quanto a origem do mundo e da própria vida, mas quer se evidenciar que esta antiga condição foi exacerbada, deixando de ser consumo para consumismo, na medida que, o sujeito líquido consome para além das suas necessidades biológicas e existências.

Segundo Bauman (2005: 15) aconteceu que, no caminho entre a sociedade de produtores e a sociedade de consumidores, as tarefas envolvidas na comodificação e recomodificação do capital e do trabalho passaram por processos simultâneos de desregulamentação e privatização contínuas, profundas e aparentemente irreversíveis, embora ainda incompletas.

Deste modo, enquanto o indivíduo líquido moderno acredita que consome produtos e imagens, o mundo das imagens logra porque é exactamente o oposto que ocorre, ele é que de forma inconsciente se deixa consumir pelas imagens, orientando sua vida através de uma patologia psicológica, uma vez que não consegue distinguir o mundo real do mundo irreal, vive uma verdadeira neurose. Este facto gera violência no espaço que se pretendia social, porque todos vivem num verdadeiro descaso, ignorância e insensibilidade para com os “outros”, que vivem principalmente em lugares vazios.

Por um lado, os lugares vazios são lugares onde vivem pessoas decadentes, pessoas esquecidas e que nada acrescentam ao maniqueísmo mercantilista porque não tem poder de consumo, são pessoas que são a todo o custo evitadas, em suma é onde vive o lixo humano. Mas por outro lado assiste-se também a propagação dos não lugares. Que são lugares como hotéis, aeroportos, auto estradas como a internet e programas como o big brother. Não-lugares são lugares onde são

praticadas as artes da simulação, do fingimento, é todo o lugar com fluxo de pessoas desconhecidas tentar se civilizar, é onde as pessoas podem se relacionar sem compromissos, ou seja, se conectar.

O sujeito líquido encontra no consumo um momento de afirmação da sua existência e do seu status social, sai-se assim do consumo para o consumismo, porque não importa mais consumir o objecto real, o aparente já é suficiente. Consome-se cultura, marca, imagens e todos tipos de artefactos e objectos simbólicos de diferenciação, o consumo é actualmente usado como parâmetro de classificação de grupos ou indivíduos.

De acordo com Pallares-Burke (2003: 5), Bauman fazia suas reflexões partindo de uma concepção marxista do mundo onde destacava o mundo do trabalho, relação entre empresários e trabalhadores, descrevia a sociedade capitalista em termos de classes sociais. Mas posteriormente notou que o discurso das massas hoje não faz sentido, ou se é que faz merece uma reformulação, porque na pós-modernidade o mais importante não é o trabalho e sim o consumo, o Homem actual é vítima do consumo de objectos, imagens e publicidade.

Essas transformações também por sua vez, modificaram o mundo do trabalho e tanto o empregador como o empregado precisam ser mais flexíveis o possível, tanto que, o empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que “acostumar-se” em si-a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas é algo malvisto e, portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo.

Bauman (1997: 17) diz além disso, as cidades são autênticos campos de batalha porque é onde há maior concentração de indústrias e é onde vivem as elites, e todo o mundo, quer estar na cidade porque as oportunidades são escassas mas ao mesmo tempo quando tidas podem colocar o indivíduo na elite, por isso os indivíduos nas cidades estão num autêntico Estado de natureza, uma vez que não há outras leis a não ser as leis do mercado, e segundo Hobbes (2006: 37) a competição tendo em vista ao lucro ou a honra é uma das causas da discórdia. Por isso, o Homem deve lutar freneticamente contra a indústria pós-moderna, porque produz a todo o vapor o lixo Humano que é melhor encarnada pelo imigrante ilegal, que não é apenas ontologicamente

estranho como também psicologicamente imprevisível, e logo um símbolo de perigo, por isso o Estado usa a capa de jardineiro para eliminar essa erva daninha no terreno que se pretende que tenha não a multiplicidade de culturas mas sim unicidade.

Para Bauman, (2008: 20) o Homem actual está num mundo em que a cultura não é mais feita de normas mas sim de ofertas, a palavra predominante é a flexibilidade, onde nada deve ter raízes nada deve ser fixo, ou seja, sai-se da regulamentação para a sedução. Porque o Homem está numa sociedade de consumidores tudo deve ser tratado como objecto de consumo aprazível de modo a seduzir o maior número de pessoas, por isso perfila no mesmo menú de produtos a serem consumidos.

O que vende mais é a exclusividade que existe na singularidade e não na universalidade uniforme, por isso o acto de reinventar ininterruptamente novas formas de ser e estar é que garantem a visibilidade. Este facto fragiliza os laços e desumaniza os homens porque na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjectividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. É a transformação dos consumidores em mercadorias.

CONCLUSÃO

Chegada ao final deste trabalho, é de se concluir que para Bauman a pós-modernidade não é de per si negativa, uma vez que é um momento de crise face a tomada de consciência dos feitos da modernidade, conquanto os valores nela cultivada é que tornam-na sociedade do consumo, este entende que, não há um fim da modernidade, mas sim uma segmentação em duas fases nomeadamente sociedade moderna e líquida, onde na sua óptica, na fase moderna havia a ideia do progresso e da emancipação. Porém, nesta fase houve promessas que não foram levadas a cabo e também o uso excessivo da razão que queria impor a ordem, o que levou a exclusão e eliminação de tudo o que nela não se enquadrasse.

Deste modo, a pós-modernidade ou sociedade de consumo, vem como forma de reconciliar e rever tais ideias e valores, pois não se pode mais ter certeza absoluta de nada, porque a própria certeza aplicada ao método mostrou-se mutiladora. Mas neste processo ocorre um embaraço devido a acção predatória da globalização face aos Estados, esta limita a acção e o poder de decisão do Estado, provoca também o consumismo e o individualismo, que colocam os indivíduos numa relação frágil em que sua permanência depende do poder de consumo.

A alteração no padrão de comportamento dos indivíduos imposta pela supremacia das máquinas, pelas engenharias de fluxos e pela cultura do consumo, provocou uma mudança no quadro de valores da sociedade. As pessoas passaram a ser avaliadas não mais pelas suas qualidades internas e pessoais, mas pela maneira como se vestem, pelos objectos simbólicos que exibem e que estabelecem um amplo e dinâmico processo civilizatório, o qual não só implicou em uma mudança social de âmbito global, como também promoveu alterações na subjectividade humana, entre elas as que estão associadas às novas expectativas com relação ao corpo.

A sociedade de consumo é também uma sociedade de produção em grande escala, e propõem novas formas de socialização, ou por outra, propõem o distanciamento social, os líderes sociais só se aproximam das massas quando tem em vista um benefício material, basta ver o que ocorre no período eleitoral. Ao mesmo tempo em que são experimentadas situações sociais frustrantes, muito pelo descaso, pela indiferença, também ocorrem situações que devem orgulhar a humanidade, são vários os indivíduos que movidos pelo humanismo, criam movimentos caritativos, atravessam continentes, aproximam-se e solidarizam-se dos que carecem. São vários

os críticos sociais que desenvolvem suas teorias com vista a elucidar a condição actual da sociedade.

Deste modo, a consciência de ser pessoa ou ser humano, que tem valor „em si” está cada vez mais distante do Homem pós-moderno, uma vez que privilegia-se o ter do que o ser, ou o que aparenta-se ter, por isso enquanto o Homem valer os objectos que consome ou que tem em sua posse estará cada vez mais distante da sua própria redescoberta e a sociedade será um campo de exploração e de busca de objectos, o Homem alienar-se-á na realidade material e instantânea dos objectos, e caso perca a posse destes cairá numa angústia e profundo mal-estar.

Na pós-modernidade ocorre o fenómeno do culto ao corpo e à aparência, tendo em vista as práticas quotidianas da cultura do consumo aprofundadas no capitalismo avançado, a banalização do mal, não há uma fronteira clara entre o tolerável e intolerável, porque ficou desgastado o princípio de veracidade e de moralidade.

A pós-modernidade é a manifestação da sociedade de consumo, é uma condição marcada pela propagação da imagem. Quando ocorre o consumo massivo de imagens, todas as formas de socialização entre os homens ficam diluídas ou frágeis, visto que a comunicação é mediada pelo aparente e não pelo real. O homem vive por e para os objectos, onde o objectivo é conhecer e consumir, e o que se consome é o aparente e não o real.

O mundo actual é dominado pela publicidade que tem como marca preferencial a indústria de cosméticos e a indústria farmacêutica. Onde o mais belo objecto de consumo é o corpo humano, especialmente o da mulher, ocorre para o efeito a banalização da sexualidade. Na sociedade de consumo tudo é tido como mercadoria, e a televisão ensina ideologias que provocam a irreflexão, por causa do bombardeamento de mensagens, quer elas visuais ou sonoras. E como vive-se nessa lógica do consumo, o político instrumentaliza o social porque perdeu os meios de articulação com ele.

E como vive-se num mundo globalizado, onde os sujeitos são sem centro, quebrando assim as barreiras do espaço e do tempo, a solução dos problemas actuais como o crime organizado, o terrorismo, o fundamentalismo religioso, as mudanças climáticas e o fluxo migratório devido à guerras e a busca de melhores condições de vida, requerem uma abordagem global, em termos de

política planetária, mas também deve haver maior investimento na prática da justiça para promover-se a paz, afastando assim o sentimento de insegurança e medo.

A superação destes problemas, a revitalização das relações humanas passa necessariamente da necessidade de uma acção pedagógica, que tenha como objectivo educar para uma consciência crítica, de tal modo que as pessoas pratiquem as suas acções de forma consciente, para que haja respeito pela dignidade humana, haja um reconhecimento do valor e da profundidade das relações humanas, porque estas não possuem nenhum valor de troca, apenas valor de uso, ou seja, não estão no domínio do comércio.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BACON, Francis. **Novum Organum**. Portugal: Acrópoles, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. **Senhas**. Trad. Maria Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Trad. João Gama. 70. ed. Lisboa: [Editora], 1989.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, A. **Modernidades moçambicanas, crise de referências e a concepção de Ética no programa de Filosofia no nível médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: que é "esclarecimento"? (Aufklärung)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Meridional, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. São Paulo: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MORIN, Edgar. **Método 5: humanidade da humanidade - a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, [Nome completo]. **[Título completo da obra]**. [Local]: [Editora], 2005.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Sociedade líquida: Zygmunt Bauman. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, out. 2003.

RABUSKE, Edvino. **Antropologia filosófica**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1992.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Lisboa: Presença, 1987.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1994.

WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.